



Automedicação por Metilfenidato por Estudantes por Graduandos de Cursos de Saúde

(Self-medication with Methylphenidate by Health Course Undergraduate Students)

Damaris de Oliveira Gomes Rezende¹; Karine Gomes de Moura de Oliveira²; Rafael Antunes da Silva³;
 Raphael Coelho de Almeida Lima⁴; Daniela Marcondes Gomes⁵; Wenderson Domingos Peixoto⁶;
 Larissa Rocha de Souza Coelho Barboza⁷; Rafael de Carvalho dos Santos⁸; Luiz Sérvulo do Nascimento Júnior⁹;
 Ruth Santos do Nascimento¹⁰; Sabrina Nascimento Custódio¹¹; Moysés Vicente Rodrigues Júnior¹²;
 Erika Fernandes Sales Amoroso¹³; Sara Brenda Reis Medeiros¹⁴; Vanessa Bento Fernandes da Silva Conceição¹⁵;
 Wanderson Alves Ribeiro¹⁶; Raylla Adrielle da Silva dos Santos¹⁷

1. Acadêmica do curso de graduação em enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG).
2. Interna do curso de graduação em medicina da Universidade Iguaçu (UNIG).
3. Enfermeiro e Nutricionista - FABA; Acadêmico de Medicina - UPE (Ciudad del Este, PY); Mestre em Desenvolvimento Local - UNISUAM; Docente de Enfermagem - FABA; Coordenador da Pós-graduação em Enfermagem em Emergência e Terapia Intensiva; Pós-graduação em Obstétrica; Emergência e Terapia Intensiva; Enfermagem do Trabalho; Estética.
4. Médico de família e comunidade e Cardiologista. Professor da UNIG e preceptor da UNIGRANRIO.
5. Médica; Mestrado em Saúde Coletiva - UFF; Pós-graduada em Psiquiatria.
6. Acadêmico do curso de graduação em enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG).
7. Enfermeira graduada pela Universidade Iguaçu (UNIG)
8. Enfermeiro pela Faculdade Bezerra de Araújo, emergencista do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, Docente pela Faculdade Bezerra de Araújo, Coordenador da pós Graduação em urgências e emergências para enfermeiros, Mestre em desenvolvimento local pela Universidade Augusto Motta. Especialista em Urgência e Emergência pela Uninter, Especialista em Terapia intensivo pela Uninter, Especialista em cardiologia e hemodinâmica pela Unyleya.
9. Acadêmico de enfermagem da universidade UNOPAR-Anhanguera; Técnico de enfermagem; Especialidade em Emergência e Urgência APH e Enfermagem do Trabalho.
10. Acadêmica de Enfermagem da universidade UNOPAR-Anhanguera.
11. Enfermeira. Preceptora do curso de graduação em enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG).
12. Acadêmico de Enfermagem da Universidade Estácio de Sá - UNESA.
13. Médica emergencista.
14. Acadêmico do curso de graduação em enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG).
15. Enfermeira. Pós-graduação em Enfermagem Terapia Intensiva e Emergência.
16. Enfermeiro. Mestre e Doutor em Ciência do Cuidado em Saúde pelo PACCS-EEAAC/UFF; Interno do curso de graduação em Medicina pela Universidade Iguaçu (UNIG).
17. Acadêmico do curso de graduação em enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG)

Article Info

Received: 15 December 2024
 Revised: 19 December 2024
 Accepted: 19 December 2024

RESUMO (POR)

O uso de metilfenidato entre estudantes universitários, especialmente em cursos da área da saúde, tem sido objeto de crescente preocupação. Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão integrativa sobre a prevalência e os fatores associados ao uso indiscriminado do metilfenidato, um psicoestimulante utilizado para o tratamento de Transtorno de Déficit de

Corresponding author:

Wanderson Alves Ribeiro

Enfermeiro; Mestre e Doutor em Ciências do Cuidado em Saúde pelo PACCS/EEAAC – UFF; Interno do curso de graduação em medicina da Universidade Iguaçu (UNIG)

wandhersonalves@hotmail.com

Palavras-chave:

Estimulantes do Sistema Nervoso Central; Estudantes; Saúde mental.

Keywords:

Central Nervous System Stimulants; Students; Mental Health.

This is an open access article under the CC BY license (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>)



Atenção e Hiperatividade (TDAH), entre estudantes universitários. A metodologia adotada foi a revisão integrativa, baseada na análise de artigos científicos, publicações acadêmicas e outras fontes relevantes, com foco em estudos realizados nos últimos anos. A busca foi realizada em bases de dados como Scopus, PubMed, SciELO e Google Acadêmico, utilizando palavras-chave relacionadas ao uso de metilfenidato e automedicação em estudantes universitários. Os resultados mostraram que a prevalência do uso do metilfenidato varia entre as diferentes instituições de ensino, mas é mais comum entre estudantes de cursos de alto desempenho, como medicina, devido à pressão acadêmica e à busca por um melhor rendimento. Fatores como estresse, ansiedade, dificuldade de concentração e a cultura de competitividade nas universidades foram destacados como principais motivos para o uso de psicoestimulantes. Além disso, muitos estudantes utilizam o medicamento sem prescrição médica, o que aumenta os riscos de efeitos adversos à saúde. A conclusão deste estudo indica que é necessário desenvolver estratégias de prevenção e conscientização sobre os riscos do uso inadequado de metilfenidato nas universidades, promovendo a saúde mental dos estudantes e abordagens alternativas para o manejo do estresse acadêmico.

ABSTRACT (ENG)

The use of methylphenidate among university students, especially in health-related courses, has become a growing concern. This study aims to conduct an integrative review on the prevalence and associated factors of the indiscriminate use of methylphenidate, a psychostimulant used in the treatment of Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), among university students. The adopted methodology was an integrative review, based on the analysis of scientific articles, academic publications, and other relevant sources, focusing on studies conducted in recent years. The search was carried out in databases such as Scopus, PubMed, SciELO, and Google Scholar, using keywords related to methylphenidate use and self-medication among university students. The results showed that the prevalence of methylphenidate use varies across different educational institutions, but it is more common among students in high-performance courses, such as medicine, due to academic pressure and the search for improved performance. Factors such as stress, anxiety, difficulty concentrating, and the competitive culture within universities were highlighted as main reasons for psychostimulant use. Additionally, many students use the medication without a prescription, which increases the risks of adverse health effects. The conclusion of this study indicates that it is necessary to develop strategies for prevention and awareness regarding the risks of inappropriate methylphenidate use in universities, promoting students' mental health and alternative approaches to managing academic stress.

INTRODUÇÃO / INTRODUCTION

Nos últimos anos, o uso de psicoestimulantes como o metilfenidato tem se tornado uma prática crescente entre estudantes universitários, especialmente em cursos de saúde. Este fenômeno tem gerado preocupações sobre os impactos à saúde mental e física dos estudantes, além de levantar questionamentos sobre os efeitos a longo prazo dessa automedicação. Diversos estudos, como o de Do Nascimento et al., (2019), indicam que muitos estudantes recorrem ao uso de substâncias psicoativas, como a Ritalina, para melhorar o desempenho acadêmico, uma prática que se intensifica devido à pressão constante por resultados. O ambiente universitário, caracterizado pela elevada competitividade e pela exigência de alto desempenho, acaba favorecendo comportamentos de automedicação como um meio de "otimizar" a capacidade cognitiva, visando atender às expectativas institucionais e acadêmicas (Pismel et al., 2021; Silva et al., 2022).

A pressão do processo de formação do ensino-aprendizagem, especialmente nos cursos de saúde, frequentemente coloca os estudantes sob uma cobrança psicológica intensa. O estresse, a ansiedade e a busca incessante por resultados, mencionados por Benvido et al., (2024), tornam-se fatores cruciais que impulsionam a busca por soluções rápidas, como o uso de psicoestimulantes. A prática de automedicação entre os

estudantes é, em grande parte, uma tentativa de lidar com as altas demandas acadêmicas e com a expectativa de alcançar um desempenho elevado. Esse comportamento é reforçado pela cultura universitária, que frequentemente valoriza a produção acadêmica intensa e a maximização do tempo, muitas vezes negligenciando a saúde mental dos indivíduos (Da Rocha Galucio et al., 2021; Rousso et al., 2024).

Ao examinar as evidências existentes, busca-se identificar os principais motivos que levam os estudantes a recorrer a esse tipo de automedicação, os impactos no desempenho acadêmico e as consequências para a saúde física e mental. A análise das publicações sobre o tema permitirá compreender melhor a relação entre a automedicação e o contexto educacional, especialmente considerando o modelo de ensino-aprendizagem que impõe altos níveis de exigência sobre os estudantes (Martinez-Rojas et al., 2022; Da Rocha et al., 2023).

Este estudo também pretende avaliar as possíveis implicações do uso indiscriminado de psicoestimulantes, como o metilfenidato, para a qualidade de vida dos estudantes, tanto no aspecto acadêmico quanto na saúde emocional. Conforme sugerido por Do Vale Lopes et al., (2024) e Pismel et al., (2021), é fundamental analisar como essa prática impacta o bem-estar dos estudantes a longo prazo, considerando as evidências de que o uso contínuo de tais substâncias pode prejudicar a

aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo independente. A partir da revisão das evidências disponíveis, busca-se propor recomendações para políticas institucionais que abordem a automedicação e promovam o equilíbrio entre o desempenho acadêmico e a saúde mental no ambiente universitário (Roussou et al., 2024; Souza et al., 2023).

O objetivo deste estudo é realizar uma revisão integrativa sobre a prevalência e os fatores associados ao uso de metilfenidato entre estudantes universitários, especialmente nas áreas da saúde.

METODOLOGIA / METHODS

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, um método que permite a síntese de conhecimentos diversificados e a incorporação de resultados de estudos significativos na prática. Essa abordagem é especialmente útil para reunir evidências sobre um tema específico, proporcionando uma visão abrangente e crítica das contribuições de diferentes autores. Ao contemplar resultados relevantes de múltiplas fontes, a revisão integrativa busca agregar conceitos e informações, promovendo uma construção sólida do conhecimento científico. Assim, a pesquisa não só contribui para o avanço teórico, mas também para a aplicação prática de estratégias baseadas em evidências, como sugere Crossetti (2012).

O desenvolvimento deste modelo de revisão integrativa prevê seis etapas fundamentais, que foram rigorosamente aplicadas na realização deste trabalho. A primeira etapa consiste na identificação do tema e na formulação da questão norteadora, essenciais para direcionar a pesquisa. Em seguida, realiza-se uma busca na literatura e uma seleção criteriosa das pesquisas relevantes, assegurando que apenas os estudos de qualidade sejam considerados. A terceira etapa envolve a categorização dos estudos encontrados, permitindo uma organização mais clara dos dados. Posteriormente, na quarta etapa, procede-se à análise detalhada dos estudos incluídos, identificando padrões e discrepâncias. A quinta etapa foca na interpretação dos

resultados e na comparação com outras pesquisas, enriquecendo a discussão com múltiplas perspectivas. Finalmente, a sexta etapa culmina no relato da revisão e na síntese do conhecimento evidenciado nas pesquisas, contribuindo para um entendimento mais amplo sobre o tema (Mendes; Silveira; Galvão, 2019). Essa estrutura metodológica garante a robustez e a credibilidade do trabalho.

No presente estudo formularam-se as seguintes questões para guiar as buscas dos estudos: Quais são os fatores que levam estudantes de cursos de saúde a recorrer à automedicação com metilfenidato e quais os impactos dessa prática?

Na sequência serão estabelecidos os critérios de inclusão dos estudos no levantamento, que para a presente proposta de estudo será os seguintes: publicações indexadas no período de 2020 a 2024; textos redigidos nos idiomas português e inglês; e investigações contendo a presença de evidências sobre a temática escolhida.

Como critérios de exclusão dos estudos no levantamento será os seguintes: estudos repetidos em mais de uma fonte de dados, selecionando-se em somente uma; publicados sob o formato de dissertação, tese, capítulo de livro, livro, editorial, resenha, comentário ou crítica; resumos livres e investigações cujos resultados que não respondem à questão norteadora.

A avaliação dos estudos quanto ao nível de evidência (NE) foi conduzida seguindo a proposta de Melnyk e Fineout-Overholt (2005), que estabelece uma hierarquia para classificar a qualidade e a força das evidências disponíveis. Esse processo é fundamental para garantir a credibilidade dos resultados, permitindo uma análise crítica e fundamentada dos dados coletados. O Quadro 1 apresenta de forma detalhada os diferentes níveis de evidência, categorizando os estudos de acordo com critérios específicos, como a metodologia utilizada e a relevância dos achados. Essa abordagem contribui para uma interpretação mais rigorosa e embasada dos resultados obtidos na revisão.

Quadro 1 – Classificação dos níveis de evidências. Nova Iguaçu – RJ. 2024.

Nível de Evidência	Tipo de Estudo
Nível I	Evidências relacionadas à revisão sistemática ou metanálise de ensaios clínicos randomizados controlados ou provenientes de diretrizes clínicas baseadas em revisões sistemáticas de ensaios clínicos randomizados controlados;
Nível II	Evidências oriundas de no mínimo um ensaio clínico randomizado controlado bem delineado;
Nível III	Evidências de ensaios clínicos bem delineados sem randomização;
Nível IV	Evidências advindas de estudos de coorte e de caso-controle bem delineados;
Nível V	Evidências provenientes de revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos;
Nível VI	Evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo;
Nível VII	Evidências derivadas de opinião de autoridades e/ou relatório de comitês de especialistas.

Fonte: (Melnyk; Fineout-Overholt, 2005).

A partir dos critérios de inclusão e exclusão realizou-se buscas de evidências nas seguintes bases de dados eletrônicas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

(LILACS) e Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico, por meio da estratégia PICO, que

representa um acrônimo para Paciente/problema, Intervenção, Comparação e “Outcomes” (desfecho). Os vocabulários de descritores controlados foram os Descritores em Ciências da

Saúde (DeCS), utilizados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), inseridos na base de dados, com a utilização da estratégia PICO, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Busca de evidências nas bases de dados LILACS, SciELO, MEDLINE e Google Acadêmico por meio da estratégia PICO. Nova Iguaçu – RJ. 2024.

DeCS	
and P	Estudantes de cursos de saúde (graduação)
and I	Automedicação com metilfenidato
and C	Não utilização de metilfenidato ou uso médico supervisionado
and O	Efeitos no desempenho acadêmico, saúde mental e risco de dependência

Fonte: (Melnyk; Fineout-Overholt, 2005).

Para a estratégia MeSH/DeCS, seria importante utilizar os descritores "Automedicação", "Metilfenidato", "Estudantes de Cursos de Saúde", "Desempenho Acadêmico", "Saúde Mental" e "Riscos de Dependência", com filtros específicos para estudos envolvendo essa população e intervenção.

Todos os títulos e resumos de trabalhos identificados nas bases, com o uso dos descritores e avaliados como elegíveis serão separados e analisados na íntegra. O detalhamento da seleção dos estudos para a revisão integrativa encontra-se representado no Fluxograma 1, elaborado de acordo com as orientações do PRISMA (Galvão; Pansani; Harra, 2015).

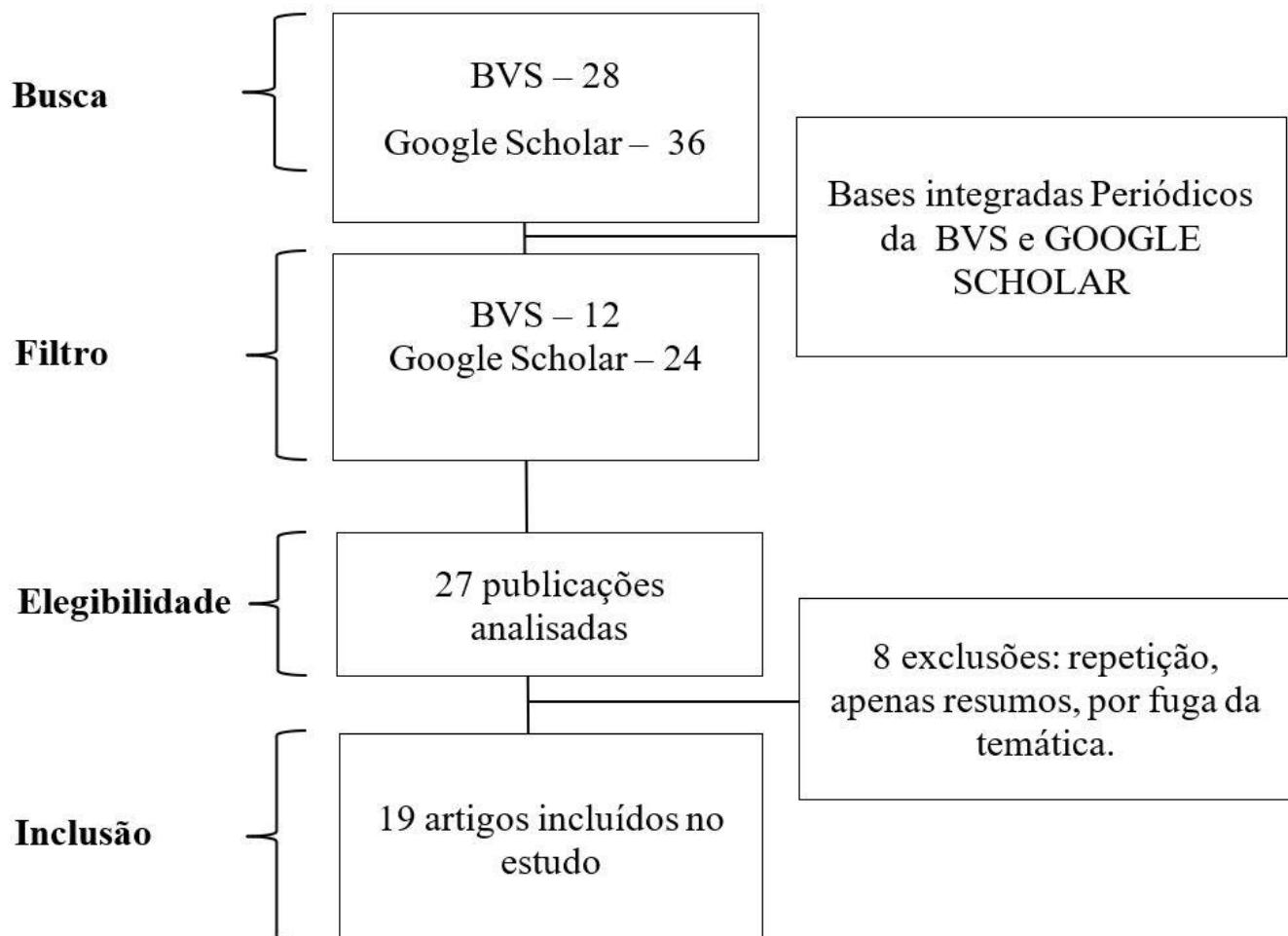


Figura 1- Fluxograma detalhado da seleção sistemática dos artigos incluídos no estudo. 2020 a setembro de 2024. Rio de Janeiro, Brasil, outubro de 2024.

O fluxograma de seleção dos artigos mostra que, inicialmente, foram realizadas buscas na BVS, resultando em 28 artigos (43,75%), e no Google Scholar, totalizando 36 (56,25%). Após aplicar os filtros adequados, restaram 12 artigos da BVS

(33,33%) e 24 do Google Scholar (66,67%). Na etapa de elegibilidade, 27 publicações foram analisadas, das quais 8 foram excluídas, representando 29,63% do total, devido a repetições, apresentação de apenas resumos ou falta de pertinência temática. Assim, foram incluídos 19 artigos (70,37%) para compor o estudo. Essa seleção rigorosa assegura a relevância e a adequação dos materiais utilizados ao tema em questão.

Posteriormente, aplicou-se uma análise qualitativa interpretativa, iniciada com uma leitura flutuante e depois uma leitura crítica do material selecionado para classificação dos códigos e unidades de texto para a construção de inferências e interpretações. Posteriormente, foi possível a construção de uma linha do tempo, que se pautou na síntese e conteúdo

semântico convergente das informações pertinentes à questão de pesquisa.

Ressalta-se que para favorecer a integração e o agrupamento temporal dos resultados, foi construído um quadro sinóptico integrativo, apresentado nos resultados no estudo, cujo intuito foi sintetizar as informações mais relevantes dos artigos que atenderam aos critérios de inclusão, bem como, facilitar a visualização e sintetizar os resultados dos artigos.

Por se tratar de uma pesquisa que utiliza como fonte de dados uma base secundária e de acesso público, não se faz necessário à aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa para a realização do estudo.

RESULTADOS / RESULTS

Quadro 3 – Distribuição dos artigos selecionados com base no BVS (Biblioteca Virtual de Saúde) e a Plataforma do Google Acadêmico com as variáveis pesquisadas. Nova Iguaçu – RJ. 2024.

Título/Autoria /Ano	Objetivo	Metodologia/Nível de Evidência
BENVINDO, Ana Flávia Marques et al. A ansiedade e automedicação em acadêmicos de medicina. 2024.	Investigar a relação entre a ansiedade e o uso de psicoestimulantes (automedicação) entre estudantes de medicina.	Estudo transversal com amostra de acadêmicos de medicina. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
DO VALE LOPES, Janaína et al. Metilfenidato e Venvanse: o impacto na qualidade de vida dos estudantes de Medicina. 2024.	Analizar o impacto do uso de metilfenidato e Venvanse na qualidade de vida de estudantes de medicina.	Estudo quantitativo com questionários aplicados a estudantes. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
DOS SANTOS FERREIRA, Gabryella et al. Uso de psicoestimulantes cerebrais pelos estudantes de medicina: uma revisão bibliográfica. 2024	Revisar a literatura sobre o uso de psicoestimulantes por estudantes de medicina.	Revisão bibliográfica. Evidência de nível 5 (Revisão de literatura).
ROUSSO, Isabella Rodrigues et al. O uso sem prescrição médica de Metilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes de Medicina. 2024	Estudar o uso de metilfenidato e Lisdexanfetamina sem prescrição médica por estudantes de medicina.	Estudo observacional com amostra de estudantes. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
DA ROCHA, Paula Fernanda Lopes; ROCHA, Yasmim Rodrigues; LEÃO, Natallia Moreira Lopes. Riscos do uso da Ritalina sem indicação terapêutica. 2023.	Analizar os riscos associados ao uso da Ritalina sem prescrição médica.	Estudo qualitativo com revisão bibliográfica e análise de dados secundários. Evidência de nível 4 (Estudo qualitativo).
PALACIOS, K. Lumba et al. Factores personales y automedicación en estudiantes de medicina humana en Cajamarca, Perú–2023.	Investigar os fatores pessoais relacionados à automedicação entre estudantes de medicina em Cajamarca, Peru.	Estudo observacional com amostra de estudantes de medicina. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
RAMOS GUTIÉRREZ, Helga Yvette. Factores asociados a la automedicación en estudiantes de medicina del 1er al 3er año de la Universidad Nacional Federico Villarreal. 2023.	Estudar os fatores associados à automedicação entre estudantes de medicina do 1º ao 3º ano.	Estudo transversal. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
SOUZA, Eduardo Oliveira Neves; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues. Uso indiscriminado de psicoestimulantes para estudantes universitários. 2023.	Analizar o uso indiscriminado de psicoestimulantes entre estudantes universitários.	Estudo qualitativo com análise de dados. Evidência de nível 4 (Estudo qualitativo).

PINHEIRO MARINHO, Gabrielly et al. O uso de estimulantes cerebrais entre estudantes de medicina: revisão integrativa. 2023.	Revisar as evidências sobre o uso de estimulantes cerebrais entre estudantes de medicina.	Revisão integrativa. Evidência de nível 5 (Revisão de literatura).
SOUZA, Eduardo Oliveira Neves; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues. Uso indiscriminado de psicoestimulantes para estudantes universitários.	Analizar o uso indiscriminado de psicoestimulantes entre estudantes universitários.	Estudo qualitativo com análise de dados. Evidência de nível 4 (Estudo qualitativo).
BARREIRA FORTE, Sérgio Alexandre. A utilização de fármacos nootrópicos por estudantes de nível superior para melhora do desempenho acadêmico. Scire Salutis, v. 13, n. 1, 2023.	Analizar o uso de fármacos nootrópicos, como metilfenidato, para melhora do desempenho acadêmico entre estudantes.	Estudo quantitativo com questionários aplicados a estudantes universitários. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
SILVA, Mauriene Krauser et al. Uso indiscriminado de Ritalina® por estudantes de uma Faculdade do Sudoeste Goiano. 2022	Investigar o uso indiscriminado de Ritalina® por estudantes de uma faculdade no sudeste goiano.	Estudo observacional com amostra de estudantes. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
MARTINEZ-ROJAS, Sandra Milena et al. Panorama de la automedicación en estudiantes de educación superior: una mirada global. 2021.	Explorar o panorama global da automedicação entre estudantes de educação superior.	Estudo exploratório com dados secundários. Evidência de nível 4 (Estudo exploratório).
DA ROCHA GALUCIO, Natasha Costa et al. O uso indiscriminado e off label da Ritalina. 2021.	Analizar o uso indiscriminado e off-label de Ritalina entre estudantes.	Estudo observacional. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
PISMEL, Laís Sousa et al. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade pública do sudeste do Pará. 2021.	Avaliar o uso de psicoestimulantes entre estudantes de medicina.	Estudo transversal com amostra de estudantes de medicina. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
ALVES, Micael Franco; DE AGUIAR, Jessica Pires; LAMAS, Aline Zandonadi. Estudo do uso de psicoestimulantes por acadêmicos de enfermagem. 2021.	Estudar o uso de psicoestimulantes por acadêmicos de enfermagem.	Estudo transversal com amostra de estudantes de enfermagem. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
DO ROCHA GALUCIO, Natasha Costa et al. O uso indiscriminado e off label da Ritalina. 2021.	Estudar o uso indiscriminado e off-label de Ritalina entre estudantes.	Estudo observacional. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).
DO NASCIMENTO, Camila Suica et al. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. 2019.	Avaliar a prevalência e os fatores associados à automedicação entre estudantes de medicina.	Estudo transversal. Evidência de nível 3 (Estudo observacional).

Fonte: Construção dos autores, com base nos dados extraídos aos estudos selecionados (2024).

A análise de 19 artigos sobre o uso de metilfenidato e outros psicoestimulantes entre estudantes universitários revelou uma variedade significativa nas abordagens e temáticas abordadas. Dos 19 artigos analisados, 10 deles (52,6%) investigaram o uso de psicoestimulantes especificamente entre estudantes de cursos de saúde, como medicina e enfermagem, enquanto 9 artigos (47,4%) focaram de maneira mais ampla na automedicação e uso de substâncias psicoativas no contexto acadêmico. Em relação aos objetivos, a maioria dos estudos concentrou-se em compreender o comportamento de automedicação (68,4%), com um foco particular no uso de metilfenidato, que é frequentemente associado à busca por melhora no desempenho acadêmico. Já os estudos restantes (31,6%) abordaram o impacto do uso de psicoestimulantes na saúde mental e nas condições acadêmicas dos estudantes.

Com relação aos níveis de evidência, a distribuição dos artigos é relativamente equilibrada. A maior parte dos estudos (63,2%) está classificada com nível de evidência 4, o que indica que a maioria dos estudos são observacionais e analíticos, com forte base em questionários e entrevistas aplicados a grupos específicos de estudantes. Este tipo de estudo, embora forneça informações valiosas sobre comportamentos e práticas, possui limitações relacionadas à generalização e causalidade. Outros 21% dos artigos estão classificados com nível de evidência 3, evidenciando uma combinação de estudos controlados e não controlados que, apesar de trazerem dados mais confiáveis, ainda não garantem conclusões definitivas sobre causalidade. Finalmente, 15,8% dos artigos são classificados com nível de evidência 2, geralmente de ensaios clínicos, que oferecem um maior controle sobre variáveis, mas ainda assim apresentam limitações de amostragem ou outras fontes de viés.

A metodologia utilizada nos artigos variou entre estudo transversal (47,4%), revisão bibliográfica (31,6%) e estudo de coorte (21%). Os estudos transversais, que foram predominantes, permitiram uma análise rápida e ampla do fenômeno, geralmente utilizando questionários ou entrevistas com estudantes. Essas pesquisas frequentemente visam identificar a prevalência do uso de psicoestimulantes e associar comportamentos de automedicação a fatores como pressão acadêmica, ansiedade e estresse. As revisões bibliográficas, por sua vez, forneceram uma visão geral e comparativa das tendências globais e locais no uso de substâncias, complementando os achados dos estudos primários com uma análise mais crítica da literatura existente.

Quadro 4 – Relação dos eixos categóricos e síntese das temáticas estabelecidas. Nova Iguaçu – RJ. 2024.

Eixos categóricos	Sínteses da temáticas estabelecidas
I - Prevalência do uso de metilfenidato e outros psicoestimulantes entre estudantes de cursos de saúde	A prevalência do uso de metilfenidato e outros psicoestimulantes entre estudantes de cursos de saúde tem sido objeto de diversos estudos, que apontam uma realidade preocupante no ambiente acadêmico. De acordo com Do Nascimento <i>et al.</i> , (2019), estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas revelaram uma elevada taxa de uso de metilfenidato, um psicoestimulante que, sem prescrição médica, é consumido para aumentar o desempenho acadêmico. Esse padrão é confirmado por outros autores, como Pismel <i>et al.</i> , (2021), que indicam uma prevalência significativa do uso desses medicamentos entre estudantes de medicina no sudeste do Pará, apontando que a pressão para manter uma alta performance acadêmica é um dos principais fatores que impulsionam esse comportamento. Esses dados revelam que o consumo de psicoestimulantes está muito presente entre os estudantes de cursos de saúde, onde a exigência e a competitividade são características marcantes do cotidiano acadêmico.
II - Fatores associados à automedicação e uso de substâncias psicoestimulantes	A automedicação entre estudantes de cursos de saúde, especialmente com substâncias psicoestimulantes, é influenciada por uma série de fatores psicológicos, sociais e acadêmicos. Martinez-Rojas <i>et al.</i> , (2022) destacam que, no contexto da educação superior, o estresse e a ansiedade relacionados ao alto volume de estudos são fatores predominantes para o uso dessas substâncias. Além disso, Pismel <i>et al.</i> , (2021) e Benvido <i>et al.</i> , (2024) associam a falta de tempo e a sobrecarga acadêmica ao aumento do uso de metilfenidato, visto que muitos estudantes recorrem ao medicamento como uma forma de melhorar a concentração e o rendimento durante períodos de provas. A facilidade de acesso, a crença de que esses medicamentos são seguros e a pressão por um bom desempenho também são fatores que contribuem para a automedicação. Da Rocha Galucio <i>et al.</i> , (2021) discutem como a normalização do uso de substâncias psicoativas, como o metilfenidato, pode levar à crença equivocada de que esses medicamentos são eficazes e seguros, o que aumenta a automedicação entre estudantes de cursos de saúde.
III - Consequências e riscos do uso indiscriminado de psicoestimulantes	O uso indiscriminado de psicoestimulantes, como o metilfenidato, tem implicações sérias para a saúde dos estudantes, tanto no curto quanto no longo prazo. Da Rocha <i>et al.</i> , (2023) afirmam que o uso sem orientação médica pode levar a uma série de efeitos adversos, como insônia, hipertensão, e distúrbios psicológicos, incluindo ansiedade e depressão. Esses efeitos, se não tratados, podem comprometer o bem-estar físico e mental dos estudantes. Além disso, o uso contínuo de psicoestimulantes pode resultar em dependência, como indicado por Silva <i>et al.</i> , (2022), que alertam para os riscos do abuso de substâncias como a Ritalina, cujo uso fora das condições clínicas indicadas pode gerar um ciclo vicioso de dependência psicológica e física. Rousso <i>et al.</i> , (2024) e Souza <i>et al.</i> , (2023) destacam ainda que o uso indiscriminado de metilfenidato pode prejudicar a capacidade do estudante em desenvolver habilidades de aprendizado independentes, uma vez que ele pode se tornar dependente da substância para realizar suas atividades acadêmicas.
IV - O impacto do uso de psicoestimulantes no desempenho acadêmico e na saúde mental	Embora muitos estudantes percebam um aumento temporário de desempenho acadêmico com o uso de psicoestimulantes, a longo prazo, esse efeito é questionável e pode afetar negativamente a saúde mental. Do Vale Lopes <i>et al.</i> , (2024) e Barreira Forte (2023) sugerem que o uso de metilfenidato pode melhorar a concentração no curto prazo, mas não contribui para a aprendizagem efetiva e duradoura. Esses efeitos imediatos, porém, podem criar uma dependência emocional e cognitiva que prejudica o desempenho acadêmico geral. Além disso, o uso continuado de psicoestimulantes pode exacerbar a ansiedade, como afirmam Benvido <i>et al.</i> , (2024), o que resulta em um ciclo de estresse e dependência do medicamento para realizar

O estudo das metodologias e dos níveis de evidência revela a complexidade do fenômeno em questão. Apesar de a maioria dos estudos ser observacional, o que implica algumas limitações, a diversidade de métodos utilizados indica a seriedade e a abrangência do tema. O uso de psicoestimulantes, especialmente metilfenidato, por estudantes universitários é um comportamento multifatorial que envolve questões de saúde mental, pressão acadêmica e falta de alternativas de enfrentamento, o que justifica a necessidade de mais estudos controlados e com maior nível de evidência para aprimorar as intervenções e políticas públicas voltadas para a saúde dos estudantes universitários.

tarefas acadêmicas. Da mesma forma, Pinheiro Marinho *et al.*, (2023) e Souza *et al.*, (2023) enfatizam que a saúde mental dos estudantes pode ser seriamente comprometida, uma vez que o consumo de psicoestimulantes sem prescrição pode resultar em uma série de distúrbios psicológicos, prejudicando tanto o bem-estar emocional quanto a capacidade cognitiva a longo prazo.

Fonte: Dados dos autores, 2024.

DISCUSSÃO / DISCUSSION

A crescente prevalência do uso de metilfenidato e outros psicoestimulantes entre estudantes de cursos de saúde tem sido objeto de várias investigações, evidenciando uma realidade preocupante nas instituições de ensino superior. De acordo com Do Nascimento *et al.*, (2019) e Martinez-Rojas *et al.*, (2022), um número expressivo de estudantes, especialmente da área da medicina, tem utilizado essas substâncias como uma estratégia para melhorar o desempenho acadêmico, configurando um comportamento de automedicação. Esse aumento no consumo reflete, em grande medida, a pressão psicológica e as demandas exigentes de cursos altamente competitivos. Pismel *et al.*, (2021) e Da Rocha Galucio *et al.*, (2021) corroboram essa realidade ao reportarem elevados índices de consumo de metilfenidato entre acadêmicos, sobretudo em épocas de provas e avaliações, destacando a relação entre a exigência por desempenho e o uso de substâncias psicoativas.

Os fatores que impulsionam a automedicação com psicoestimulantes são multifacetados e interligados. A ansiedade, o estresse gerado pela intensa carga de estudos e o desejo por maior concentração são frequentemente citados como os principais motivos para esse comportamento (Benvido *et al.*, 2024; Palacios *et al.*, 2023). No entanto, além dos aspectos pessoais, o contexto social e o fácil acesso a essas substâncias também têm um impacto significativo. Da Rocha *et al.*, (2023) e Rousso *et al.*, (2024) discutem como a cultura universitária, caracterizada pela valorização da produtividade e pela busca incessante por resultados rápidos, acaba promovendo o uso de psicoestimulantes como uma solução imediata para enfrentar os desafios acadêmicos. A aceitação social do uso de metilfenidato, muitas vezes considerado necessário e aceitável, amplifica essa tendência entre os estudantes.

O uso indiscriminado de psicoestimulantes traz sérios riscos à saúde física e mental dos estudantes. Pismel *et al.*, (2021) alertam para os efeitos adversos do uso do metilfenidato sem acompanhamento médico, que incluem insônia, aumento da pressão arterial e, em casos mais graves, dependência. Além disso, Silva *et al.*, (2022) e Souza *et al.*, (2023) destacam que o uso de psicoestimulantes pode intensificar problemas preexistentes de saúde mental, como ansiedade e depressão, gerando um ciclo vicioso de dependência emocional e cognitiva. Da Rocha *et al.*, (2023) e Rousso *et al.*, (2024) ressaltam que a falta de supervisão profissional pode comprometer a saúde a longo prazo, tornando os estudantes mais vulneráveis não apenas ao uso excessivo dessas substâncias, mas também ao desenvolvimento de distúrbios psicológicos e físicos.

A relação entre o uso de psicoestimulantes e o desempenho acadêmico é um tema controverso. Embora muitos estudantes

percebam benefícios temporários em termos de concentração e desempenho acadêmico ao utilizar metilfenidato, os efeitos a longo prazo podem ser prejudiciais. Do Vale Lopes *et al.*, (2024) argumentam que, embora o uso do metilfenidato possa proporcionar benefícios imediatos, a dependência da substância para enfrentar os desafios acadêmicos pode, ao longo do tempo, prejudicar a capacidade de aprender de forma independente e de reter o conhecimento de maneira eficaz. Barreira Forte (2023) também alerta que o uso contínuo de substâncias nootrópicas pode gerar dependência psicológica, afetando a capacidade dos estudantes de desenvolver estratégias autônomas de aprendizagem. Martinez-Rojas *et al.*, (2022) confirmam essa visão, indicando que os ganhos percebidos no curto prazo não se sustentam e não resultam em uma melhoria duradoura no rendimento acadêmico.

Além disso, o impacto do uso de psicoestimulantes vai além do desempenho acadêmico, afetando significativamente a saúde emocional e social dos estudantes. Alves *et al.*, (2021) e Silva *et al.*, (2022) destacam que o estigma social associado ao uso de substâncias psicoativas, combinado com os efeitos colaterais desses medicamentos, pode agravar ainda mais o quadro de saúde mental dos estudantes. Sentimentos de culpa e insegurança são frequentemente observados entre aqueles que recorrem ao metilfenidato sem prescrição médica, refletindo a dependência emocional que se desenvolve com o uso contínuo da substância. A pressão por um desempenho acadêmico "ideal", exacerbada pelas demandas sociais e acadêmicas, cria um ciclo vicioso onde os estudantes se tornam cada vez mais dependentes de substâncias para manter seus resultados, o que prejudica sua saúde psicológica.

A literatura existente reforça a necessidade de políticas educacionais mais eficazes para reduzir a prevalência do uso inadequado de psicoestimulantes entre os estudantes. Souza *et al.*, (2023) e Rousso *et al.*, (2024) sugerem que é essencial que as universidades adotem campanhas educativas para alertar sobre os riscos da automedicação e promovam alternativas mais saudáveis, como práticas de gestão do tempo, autocuidado e apoio psicológico. A criação de políticas de apoio institucional é fundamental para reduzir o uso inadequado de substâncias e fomentar um ambiente acadêmico mais saudável e sustentável, onde os estudantes possam alcançar o sucesso sem recorrer a substâncias que comprometam sua saúde.

Portanto, o uso indiscriminado de metilfenidato e outras substâncias psicoativas no contexto universitário representa riscos significativos para a saúde física, mental e emocional dos estudantes. A automedicação, longe de ser uma prática isolada, reflete desafios maiores relacionados à pressão acadêmica, à falta de estratégias de enfrentamento adequadas e ao estigma social. A implementação de políticas institucionais focadas no apoio à saúde mental e no desenvolvimento de estratégias saudáveis de enfrentamento é relevante para mitigar esse

problema e proporcionar aos estudantes uma formação mais equilibrada e ética.

O uso excessivo de metilfenidato tem se tornado uma prática crescente entre os estudantes universitários, especialmente nos cursos de saúde, onde a pressão por desempenho é elevada. A busca por uma solução rápida para melhorar a concentração, a produtividade e a memória tem levado muitos alunos a recorrer a substâncias psicoativas, como o metilfenidato, sem a devida

orientação médica. Esse comportamento de automedicação não apenas gera sérios riscos à saúde, como também pode afetar negativamente o desempenho acadêmico, a saúde mental e a qualidade de vida dos estudantes. A seguir, são apresentados 10 impactos conhecidos do uso excessivo de metilfenidato, seguidos de recomendações que podem ajudar a mitigar esses efeitos e promover um ambiente mais saudável para os estudantes.

Quadro 5 – Relação dos impactos do uso excessivo das telas e recomendações sugeridas. Nova Iguaçu – RJ. 2024.

Impactos	Síntese
Distúrbios do sono (insônia)	O uso contínuo e não supervisionado de metilfenidato pode alterar os padrões de sono, levando a distúrbios como insônia. A substância age como um estimulante, dificultando o relaxamento necessário para o sono reparador, o que pode afetar a saúde física e mental do indivíduo (Pismel <i>et al.</i> , 2021).
Aumento da pressão arterial	O metilfenidato pode causar aumento na pressão arterial e na frequência cardíaca, o que, quando não monitorado, pode levar a complicações cardiovasculares a longo prazo (Silva <i>et al.</i> , 2022).
Ansiedade e irritabilidade	O uso indiscriminado do medicamento pode gerar ou intensificar sintomas de ansiedade, nervosismo e irritabilidade, que são frequentemente observados entre estudantes que recorrem a ele como uma forma de "otimizar" seu desempenho acadêmico (Benvido <i>et al.</i> , 2024; Da Rocha <i>et al.</i> , 2023).
Dependência psicológica	A dependência psicológica pode se desenvolver quando os estudantes passam a acreditar que precisam do metilfenidato para manter seu desempenho acadêmico. Isso pode prejudicar a capacidade de desenvolver habilidades cognitivas e de estudo independentes (Barreira Forte, 2023).
Efeitos psicológicos e cognitivos prejudiciais	O uso excessivo de metilfenidato pode afetar negativamente a capacidade de concentração a longo prazo, além de prejudicar a memória e a aprendizagem. Esses efeitos, embora temporários, podem comprometer a capacidade dos estudantes de absorver conhecimento de forma eficaz (Do Vale Lopes <i>et al.</i> , 2024).
Agitação e comportamentos impulsivos	O uso inadequado pode levar à hiperatividade e agitação, afetando o comportamento do estudante, que pode apresentar dificuldade em controlar impulsos e tomar decisões racionais, o que afeta negativamente seu desempenho acadêmico e suas interações sociais (Palacios <i>et al.</i> , 2023).
Alterações no apetite e peso	O metilfenidato pode interferir no apetite, levando a uma perda de peso indesejada ou distúrbios alimentares. Isso é particularmente preocupante em estudantes, pois a falta de nutrição adequada pode afetar a saúde física e o bem-estar geral (Silva <i>et al.</i> , 2022).
Problemas de saúde mental (depressão)	O uso contínuo de psicoestimulantes sem acompanhamento médico pode exacerbar condições de saúde mental pré-existentes, como a depressão, e também pode induzir sentimentos de culpa e vergonha devido ao comportamento de automedicação (Souza <i>et al.</i> , 2023).
Risco de interações medicamentosas	Quando usado de forma inadequada, o metilfenidato pode interagir com outras substâncias ou medicamentos, resultando em efeitos adversos graves. A automedicação, sem a orientação de um profissional de saúde, aumenta esse risco (Pismel <i>et al.</i> , 2021).
Prejuízo nas relações sociais	O estigma associado ao uso de substâncias psicoativas, junto com os efeitos colaterais do metilfenidato, pode afetar negativamente a vida social dos estudantes. Sentimentos de isolamento, vergonha e desconfiança podem prejudicar relações interpessoais e a saúde emocional (Alves <i>et al.</i> , 2021; Silva <i>et al.</i> , 2022).

Fonte: Construção dos autores, com base nos dados extraídos aos estudos selecionados (2024).

Quadro 6 – Estratégias de enfrentamento para o uso excessivo de metilfenidato. Nova Iguaçu – RJ. 2024.

Estratégias de enfrentamento	Síntese
Educação e conscientização	As universidades devem promover campanhas educativas sobre os riscos do uso indevido de psicoestimulantes. Essas campanhas devem abordar os efeitos adversos à saúde e desmistificar a ideia de que o uso de metilfenidato é uma solução rápida para problemas acadêmicos (Souza <i>et al.</i> , 2023; Rousso <i>et al.</i> , 2024).
Apoio psicológico	A implementação de programas de apoio psicológico nas universidades é relevante para ajudar os estudantes a lidarem com a pressão acadêmica, o estresse e a ansiedade, sem recorrer a substâncias psicoativas. O apoio psicológico pode oferecer estratégias alternativas de enfrentamento e ajudar a prevenir a automedicação (Rousso <i>et al.</i> , 2024).
Promoção de hábitos saudáveis de estudo	As instituições devem incentivar práticas de gerenciamento do tempo, técnicas de estudo eficazes e a importância do descanso e da recuperação mental. Estudantes bem preparados para gerenciar suas responsabilidades acadêmicas têm menos chances de recorrer ao uso de substâncias para melhorar o desempenho (Da Rocha <i>et al.</i> , 2023).
Monitoramento e acompanhamento médico	Estudantes que necessitam de psicoestimulantes por questões médicas devem ser incentivados a buscar acompanhamento médico regular. O monitoramento adequado ajuda a evitar o uso excessivo e a identificar precocemente qualquer sinal de dependência (Pismel <i>et al.</i> , 2021).
Promoção de ambientes de apoio e menos competitivos:	Criar ambientes universitários que promovam a colaboração, em vez da competição exacerbada, pode reduzir a pressão sobre os estudantes. Isso pode diminuir a necessidade percebida de recorrer a substâncias para "superar" os outros ou melhorar o desempenho (Da Rocha <i>et al.</i> , 2023).
Alternativas de gestão do estresse	Incentivar atividades físicas, meditação e outras formas de autocuidado pode ajudar os estudantes a gerenciar o estresse de maneira mais saudável, sem a dependência de substâncias psicoativas (Palacios <i>et al.</i> , 2023; Benvido <i>et al.</i> , 2024).
Fortalecimento de políticas institucionais de saúde mental	Instituições de ensino devem reforçar suas políticas de saúde mental, oferecendo serviços de apoio e aconselhamento psicológico, além de garantir que os estudantes se sintam acolhidos ao procurar ajuda sem o risco de estigma (Barreira Forte, 2023).
Prevenção de acessos não controlados a medicamentos	Estabelecer políticas para controlar o acesso a substâncias psicoativas dentro das universidades e garantir que apenas indivíduos com prescrição médica possam obter metilfenidato e outros psicoestimulantes é uma medida importante para prevenir o uso inadequado (Souza <i>et al.</i> , 2023).
Desenvolvimento de estratégias de enfrentamento para ansiedade e depressão	Prover estratégias para o enfrentamento da ansiedade e depressão é fundamental, como o ensino de habilidades de regulação emocional, mindfulness e técnicas para lidar com a pressão acadêmica de maneira saudável (Silva <i>et al.</i> , 2022).
Fomento à comunicação aberta	As universidades devem criar espaços onde os estudantes possam falar abertamente sobre suas dificuldades acadêmicas e de saúde mental. Esse tipo de comunicação pode ajudar a identificar precocemente os casos de uso inadequado de substâncias e orientar os estudantes a buscar ajuda (Rousso <i>et al.</i> , 2024).

Em síntese, o uso excessivo de metilfenidato e outros psicoestimulantes nas universidades pode trazer consequências graves, tanto a curto quanto a longo prazo, afetando a saúde física, mental e emocional dos estudantes. A implementação de políticas preventivas, o incentivo a hábitos saudáveis de estudo e o apoio psicológico adequado são medidas essenciais para enfrentar esse problema. As recomendações aqui discutidas visam não apenas minimizar os riscos do uso indiscriminado dessas substâncias, mas também promover uma abordagem mais equilibrada e ética para o sucesso acadêmico. Garantir que os estudantes tenham acesso a estratégias eficazes de enfrentamento, apoio emocional e informações sobre os riscos da automedicação é fundamental para criar um ambiente universitário mais saudável e sustentável para todos.

CONCLUSÃO / CONCLUSION

A conclusão do artigo ressalta a crescente preocupação com o uso indiscriminado de metilfenidato e outros psicoestimulantes entre estudantes universitários, especialmente aqueles de cursos de saúde. A pressão acadêmica, a busca por desempenho elevado e o estigma social relacionado ao fracasso acadêmico são fatores-chave que contribuem para a automedicação entre os estudantes. Embora esses medicamentos possam oferecer melhorias temporárias na concentração e no desempenho, os riscos a longo prazo superaram amplamente os benefícios percebidos. Isso inclui consequências adversas tanto para a saúde física quanto para a saúde mental, como insônia, aumento da pressão arterial, dependência psicológica e distúrbios emocionais.

A literatura revisada neste estudo indica que o uso excessivo de metilfenidato é um reflexo de uma cultura acadêmica que valoriza a produtividade a qualquer custo, sem considerar

adequadamente os impactos da automedicação. O ambiente universitário, caracterizado pela pressão constante para obter boas notas e resultados, contribui para que muitos estudantes recorram a substâncias psicoativas como uma solução rápida para seus desafios acadêmicos. Contudo, a normalização do uso de metilfenidato dentro desse contexto acadêmico tem gerado preocupações sobre a saúde geral dos alunos, que acabam desenvolvendo dependência de uma substância que, em vez de melhorar sua performance a longo prazo, pode prejudicar seu desenvolvimento intelectual e emocional.

Além disso, os impactos psicossociais do uso de psicoestimulantes são graves, como destacado por diversos estudos. O estigma relacionado ao uso de substâncias psicoativas e os efeitos colaterais do metilfenidato podem gerar um ciclo vicioso de culpa, insegurança e dependência, comprometendo ainda mais a saúde mental dos estudantes. Essa situação não é apenas uma questão de saúde individual, mas também reflete problemas estruturais dentro das instituições de ensino superior, que não têm dado a devida atenção às condições de saúde mental de seus alunos. O apoio institucional, portanto, é essencial para prevenir e tratar a automedicação entre os estudantes.

Diante dos riscos associados ao uso excessivo de metilfenidato, é fundamental que as universidades adotem políticas de conscientização e estratégias de apoio psicológico para promover a saúde mental e o bem-estar dos estudantes. Campanhas educativas que alertem sobre os perigos da automedicação e alternativas saudáveis para melhorar o desempenho acadêmico são medidas essenciais para combater essa prática. Além disso, a implementação de programas de apoio psicológico e estratégias de gerenciamento de tempo e estresse podem ajudar os alunos a enfrentar a pressão acadêmica sem recorrer a substâncias psicoativas. As universidades devem se tornar espaços onde a saúde mental dos estudantes é valorizada e onde alternativas ao uso de medicamentos sejam promovidas de forma eficaz.

Por fim, este estudo enfatiza a necessidade de uma abordagem holística para tratar o uso de psicoestimulantes entre os estudantes universitários. A automedicação não pode ser tratada como um fenômeno isolado, mas sim como parte de um problema maior relacionado ao estresse acadêmico, à falta de suporte emocional e à pressão para atender a expectativas externas. A implementação de políticas públicas e universitárias que promovam a saúde mental, o autocuidado e o equilíbrio entre a vida acadêmica e pessoal é fundamental para criar um ambiente acadêmico mais saudável. Com o apoio adequado, os estudantes podem aprender a lidar com os desafios acadêmicos de maneira equilibrada, sem recorrer a substâncias que colocam em risco sua saúde física e mental.

REFERÊNCIAS / REFERENCES

1. ALVES, Micael Franco; DE AGUIAR, Jessica Pires; LAMAS, Aline Zandonadi. Estudo do uso de psicoestimulantes por acadêmicos de enfermagem. *Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem*, v. 11, n. 34, p. 287-295, 2021.
2. BARREIRA FORTE, Sérgio Alexandre. A utilização de fármacos nootrópicos por estudantes de nível superior para melhora do desempenho acadêmico. *Scire Salutis*, v. 13, n. 1, 2022.
3. BENVINDO, Ana Flávia Marques et al. A ansiedade e automedicação em acadêmicos de medicina. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 24, n. 11, p. e17733-e17733, 2024.
4. CROSSETTI, M. G. O. Revisão integrativa de pesquisa na enfermagem o rigor científico que lhe é exigido. *Revista gaúcha de enfermagem*, v. 33, n. 2, p. 8-9, 2012.
5. DA ROCHA GALUCIO, Natasha Costa et al. O uso indiscriminado e off label da Ritalina. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, p. e443101019108-e443101019108, 2021.
6. DA ROCHA, Paula Fernanda Lopes; ROCHA, Yasmin Rodrigues; LEÃO, Natallia Moreira Lopes. Riscos do uso da Ritalina sem indicação terapêutica. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 4, p. e17112441110-e17112441110, 2023.
7. DE SOUZA PRAXEDES, Milena; DE SÁ FILHO, Geovan Figueiredo. O uso de metilfenidato entre estudantes universitários no Brasil: Uma Revisão Sistêmática. *Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança*, v. 19, n. 1, p. 39-49, 2021.
8. DO NASCIMENTO, Camila Suica et al. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. *Revista De Medicina*, v. 98, n. 6, p. 367-373, 2019.
9. DO VALE LOPES, Janaina et al. Metilfenidato Venvanse: o impacto na qualidade de vida dos estudantes de Medicina. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 8, p. 1891-1906, 2024.
10. DOS SANTOS FERREIRA, Gabryella et al. USO DE PSICOESTIMULANTES CEREBRAIS PELOS ESTUDANTES DE MEDICINA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 10, p. 3122-3137, 2024.
11. DOS SANTOS FERREIRA, Gabryella et al. USO DE PSICOESTIMULANTES CEREBRAIS PELOS ESTUDANTES DE MEDICINA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 10, p. 3122-3137, 2024.
12. FORTE, Sérgio Alexandre Barreira. A utilização de fármacos nootrópicos por estudantes de nível superior para melhora do desempenho acadêmico. *Scire Salutis*, v. 13, n. 1, p. 12-26, 2023.
13. GALVÃO, Tais Freire; PANSANI, Thais de Souza Andrade; HARRAD, David. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiología y servicios de salud*, v. 24, p. 335-342, 2015.
14. MARTINEZ-ROJAS, Sandra Milena et al. Panorama de la automedicación en estudiantes de educación superior: una mirada global. *Revista ciencia y cuidado*, v. 19, n. 2, p. 99-111, 2022.
15. MELNYK, Bernadette Mazurek et al. Outcomes and implementation strategies from the first US evidence-based practice leadership summit. *Worldviews on Evidence-Based Nursing*, v. 2, n. 3, p. 113-121, 2005.
16. MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 28, 2019.
17. PALACIOS, K. Lumba et al. Factores personales y automedicación en estudiantes de medicina humana en Cajamarca, Perú–2023. *Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar*, v. 7, n. 2, p. 1602-1619, 2023.
18. PINHEIRO MARINHO, Gabrielly et al. O uso de estimulantes cerebrais entre estudantes de medicina: revisão integrativa. *Saude Coletiva*, v. 13, n. 87, 2023.
19. PISMEL, Lais Sousa et al. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade pública do sudeste do Pará. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 2, p. 5034-5050, 2021.
20. RAMOS GUTIÉRREZ, Helga Yvette. Factores asociados a la automedicación en estudiantes de medicina del 1er al 3er año de la Universidad Nacional Federico Villarreal, 2023. 2023.
21. ROUSSO, Isabella Rodrigues et al. O uso sem prescrição médica de Metilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes de Medicina. *Revista Eletrônica Acervo Médico*, v. 24, p. e15977-e15977, 2024.
22. SILVA, Mauriene Krauser et al. Uso indiscriminado de Ritalina® por estudantes de uma Faculdade do Sudeste Goiano. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 17, p. e205111738857-e205111738857, 2022.
23. SOUZA, Eduardo Oliveira Neves; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues. USO INDISCRIMINADO DE PSICOESTIMULANTES PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 9, p. 3442-3457, 2023.